

SCHULTES, R. E., HOFMANN, A. & RÄTSCH, C. *Plants of the Gods*.
2nd. ed. Rochester: Healing Arts Press, 2001

AS NOVE CABEÇAS DA HIDRA

*Willian Silvestre Bendazzoli**

*Oh! Passageiras alegrias do Éden
Compradas por desgraças tão duráveis*
(JOHN MILTON, *Paraíso perdido*, X)

*Farmacêutico-bioquímico. Mestre em Bromatologia e doutorando em Farmacognosia pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo. Professor e Coordenador do curso de Farmácia e Bioquímica na UNINOVE.

Segunda filha de Henry George Liddell, deão da Christ Church em Oxford, Alice Pleasance Liddell talvez houvesse passado incógnita pela história, se não tivesse sido inspiração, em sua infância, para Charles Lutwidge Dodgson. Tímido professor de matemática e diácono ordenado, Dodgson, mais conhecido como Lewis Carroll, publicou sua primeira edição de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, em 1865. Carroll era fascinado por meninas, pelas quais nutria uma inocente atração – distante da Lolita de Nabokov, mas complacientemente aceita pela Inglaterra vitoriana –, e compôs sua mais famosa obra com um *nonsense* pueril que favoreceu diferentes interpretações das aventuras de Alice não só como metáforas sobre

política, religião e comportamento, mas também como a expressão do inconsciente de um homem introspectivo e excêntrico. No entanto, é possível que o *nonsense* puro e descompromissado basta para satisfazer a alma de um homem, e o cogumelo no qual a lagarta azul está sentada, enquanto fala com Alice e fuma seu *narguilé*, seja apenas um cogumelo comum, e não alucinógeno. Seja como for, exemplos como a lagarta de Alice ajudaram a consagrar em nossa cultura, sobretudo na literatura, os cogumelos como fortes candidatos a representantes máximos da iconografia de drogas alucinógenas.

É inegável que as substâncias psicoativas tiveram forte influência em nosso desenvolvimento cultural, sobretudo a partir da década de 60, como tão bem

captado pelo *Forrest Gump* de Robert Zemeckis. Certamente o mundo não mais veria o início do verão da mesma forma, depois de Albert Hoffman ter sintetizado, acidentalmente, o LSD nos laboratórios Sandoz, em 1943; aliás, ele mesmo não poderia ter concebido a dimensão da influência cultural de seu acidente nas décadas seguintes. Mas como tratar o tema em plena época na qual, mais do que nunca, as drogas representam um flagelo social de proporções internacionais? Sem dúvida a empreitada não escapa à afiada – mas não ultrapassada – observação de Oscar Wilde: “aos olhos da sociedade, a contemplação é o delito mais grave que se pode cometer”. Afinal, o pó branco dos tempos atuais é bem menos poético do que o absinto inspirador de Van Gogh no século XIX, embora encerrem em si o mesmo flagelo.

Paralelamente, o academicismo nos permite a abordagem do tema sem os receios das opiniões da sociedade e nos revela facetas não imaginadas de tão polêmico assunto. Em maio de 2002, os antropólogos Roger Sullivan, da Universidade de Auckland (Nova Zelândia), e Edward Hagen, da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara (EUA), procuraram responder à pergunta: se as drogas são tão ruins, por que as pessoas fazem uso delas? Argumentaram que a

espécie humana apresenta predisposição ao seu uso porque evoluiu consumindo exemplares ricos em alcalóides, certamente como recurso para enfrentar adversidades naturais. Ainda hoje os nativos andinos mascam folhas de coca para se beneficiarem do efeito estimulante de seus alcalóides no trabalho em terras elevadas. Plantas ricas em alcalóides e outras substâncias psicotrópicas são consumidas por diferentes culturas no mundo todo, na maioria das vezes com finalidade ritualística aceitas em um determinado contexto sociocultural.

Precioso resgate destas informações foi feito com habilidade por Schultes, Hofmann e Rättsch, em *Plants of the Gods*. A obra, atualmente em sua segunda edição, é uma importante fonte de informação para se compreender como a evolução cultural humana foi influenciada pelo uso de substâncias psicoativas. Os autores são nomes que conferem autoridade à obra pelo trabalho de pesquisa científica que desenvolveram na área: Christian Rättsch é especialista em uso cultural de plantas psicoativas e presidente da Sociedade Alemã de Etnomedicina; Richard Evans Schultes, falecido em 2001, foi professor de Biologia e diretor emérito do Museu de Botânica da Universidade de Harvard, e Albert Hofmann, descobridor do LSD e professor de bioquímica aposentado,

seguramente é o nome de maior peso.

Os primeiros capítulos contribuem para situar o leitor, tratando de deixá-lo mais à vontade em relação a temas complexos como a pesquisa fitoquímica. Explicam o que são os alucinógenos vegetais e discutem a utilização de drogas psicoativas em um contexto geográfico e histórico, assunto aprofundado nos capítulos seguintes, que compõem a maior parte da obra e preocupam-se em discutir as principais substâncias psicoativas e suas fontes em vegetais e fungos. É reservado um capítulo para cada um dos 18 principais grupos de psicotrópicos, desde os mais conhecidos cogumelos *amanitas* e *psilocybes*, passando pelos não menos famosos *canabis* e *ayahuasca* (utilizada nos rituais do Santo Daime), até plantas menos conhecidas, como as *ipomeas* que proliferam em nossos terrenos baldios e beiras de estrada. Cada capítulo aborda, em grande extensão, os aspectos culturais do uso de cada grupo de psicotrópicos por diversas culturas no mundo e fornece dados sobre seus princípios ativos, porém decepciona na brevidade da abordagem dos aspectos químicos e farmacológicos das substâncias relacionadas, que são de grande contribuição à visão completa do tema. Um de seus pontos fortes é sem dúvida a riqueza de suas ilustrações, em geral fotos coloridas e uma vasta relação de

referências bibliográficas.

O encerramento se faz com um capítulo sobre uso de alucinógenos em medicina, tema polêmico atualmente, mas de crescente interesse. A obra também se furta a uma discussão mais aprofundada sobre o impacto das drogas em nossa sociedade, o que pode ser compreendido pelo direcionamento do assunto ao uso regionalizado e contextualizado de plantas e fungos psicoativos.

Aos entusiastas do tema, acadêmicos ou não, *Plants of the Gods* surge como uma importante peça na compreensão da evolução do complexo quadro da relação das drogas com nossa sociedade, desde os tempos mais antigos. Sem dúvida é uma obra que se reveste de importância ao fornecer múltiplos elementos que permitem ao estudante compreender o assunto de modo abrangente e traçar um panorama mais fiel ao assunto. E, embora não se aprofunde em todos tópicos, orienta ao estudo mais detalhado em outras fontes.

Plants of the Gods constitui uma contribuição fundamental para o resgate de um conhecimento timidamente explorado em um século em que a relação dos psicotrópicos com a sociedade é particularmente agressiva. Conhecimento tão antigo quanto a história do homem, que desde cedo usou a iconografia como força cultural e que

elegeram os cogumelos como símbolos de drogas psicotrópicas, da mesma forma que consagrou Hércules como símbolo de força. O semideus grego, após matar o Leão de Neméia, foi incumbido de eliminar a Hidra, monstro de nove cabeças que aterrorizava o pântano de Lerna. De suas nove cabeças, a última, mais sábia e imortal, foi decepada e enterrada sob um rochedo. Talvez lá ainda esteja, como a nos mostrar que o conhecimento, mesmo sepultado, é imortal.

Aos curiosos – ícones dos autênticos

cientistas –, Lerna é um dos mais importantes sítios arqueológicos gregos, ao pé do Monte Ponticos. O local situa-se no distrito de Peloponnesos, mantido como ponto turístico aberto à visitação até as 15 horas no verão. Um dos lugares da origem de nosso conhecimento. Mas deixemos a Hidra repousar.